

Se liga na Rocinha!



Outubro de 2022 - Informe nº 7 do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva
Ampliando oportunidades de educação de crianças em contextos de vulnerabilidade
Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI/PUC-Rio
Diretora: Irene Rizzini (Profª PUC-Rio/DSS) | Coordenadora Executiva: Maria Cristina Bó
Autoras: Cristina Porto e Nathercia Lacerda
Editores: Renata Brasil, Irene Rizzini e Malcolm Bush



A infância é o ponto de partida de toda a obra do poeta Manoel de Barros. Suas palavras conectam os adultos com a criança que foram um dia e com aquelas que os rodeiam. Sua poesia é inspirada na curiosidade de quem vê o mundo pela primeira vez, como as crianças. Esse foi também o desafio dos pesquisadores do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-Rio) na nova etapa do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva¹. Nesta fase, questões sobre os temas inclusão, participação e segurança tornaram-se eixo para a criação de estratégias metodológicas de diálogo com 30 crianças, com idades entre 3 e 7 anos², moradoras da Rocinha.

Planejamento

A inclusão de crianças pequenas nas consultas realizadas na comunidade da Rocinha ao longo do projeto teve a intenção de mostrar que elas também têm o que dizer, mesmo que não o façam por palavras. Para contemplar as diversas linguagens que as crianças usam para se expressar, as pesquisadoras Cristina Laclette Porto e Nathercia Lacerda, inspiradas em Castro (2022)⁴, desenvolveram uma metodologia de escuta com base em ilustrações de livros de literatura infantil. As imagens, relacionadas aos temas do projeto, depois de identificadas e definidas, foram impressas em tamanho de folha A4 e plastificadas, para resistirem ao intenso manuseio. Com esses recursos em mãos, outros elementos foram acrescentados: uma caixa decorada para acomodar as ilustrações e um pano redondo e estampado, para demarcar o ambiente da conversa.

Para realizar as ações, a equipe contou com dois assistentes de pesquisa: Nicolas da Silva Cabral, jovem que participou de uma formação sobre escuta da Primeira Infância promovida pela equipe do projeto, e Everaldo Toledo, mestrando em Serviço Social pela PUC-Rio e interessado em aprofundar seus estudos sobre essa faixa etária.

A partir de indicações de moradores da comunidade (Marta Diniz, Antônio Carlos Firmino e Leandro Castro), três instituições de Educação Infantil e uma Escola Municipal foram contactadas e visitadas previamente pelos pesquisadores, que renovaram laços estabelecidos com o CIESPI/PUC-Rio, desde 2002.

No descomeço era o verbo
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para
cor, mas para som.
Então se a criança muda a função do verbo, ele delira
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nasci-
mentos –
O verbo tem que pegar delírio.
(BARROS, 1994, p. 17)³.

A primeira experiência foi realizada na Escola Saci Sabe Tudo, com 5 meninos e 4 meninas de 4-5 anos; a segunda, na Escola Municipal Luiz Paulo Horta, com 3 meninas e 3 meninos de 6-7 anos, do primeiro ano do Ensino Fundamental; a terceira, no Centro Social “E aí como é que fica?”, com 3 meninas e 3 meninos de 5 anos; e a última, no Espaço de Educação Infantil - EDI Edir Caseiro Ribeiro, com 2 meninas e 7 meninos de 3-4 anos. Em todos os espaços, os pesquisadores foram recebidos com animação e disponibilidade, o que favoreceu a rápida interação com as crianças.

Acolhimento e Ludicidade

Nos encontros realizados, entre maio e junho de 2022, Nathercia e Cristina encaminharam rodas de conversa, trabalhando perguntas criadas especialmente para as crianças sobre os temas do projeto, enquanto Everaldo e Nicolas se encarregaram do registro escrito e fotográfico. Ao

final de cada experiência, a equipe se reunia para ler as anotações e olhar para as fotografias, a fim de planejar os passos seguintes. Em duas das quatro experiências, a equipe contou com apoio das professoras das crianças, que observaram atentamente e também fotografaram. Ao longo de todo o processo vivido, esses registros foram revisitados várias vezes. Para além da cena retratada nas imagens, recuperamos as histórias de cada momento, considerando os vários pontos de vista em jogo.

A fotografia como recurso metodológico, além de funcionar como suporte de memória, no ato de pesquisar, ajuda a revelar marcas de identidade e singularidade dos sujeitos envolvidos (LOPES; GUSMÃO; PORTO, 2013)⁵. A câmera revela detalhes, gestos, olhares e movimentos, que depois ficam gravados, ampliando as possibilidades de rever e interpretar os acontecimentos.

A delimitação de um ambiente para a escuta era dada pelo pano estampado, que ora estendido no chão, ora colocado sobre algumas mesas da sala de aula, criava a roda de conversa. Em seguida, os nomes de todos os presentes eram apresentados ludicamente, com um trava-línguas, gerando muitos risos e despertando curiosidade sobre o que estava prestes a acontecer. Com certo suspense, Nathercia tirava de dentro da “Caixa Misteriosa” uma ilustração e incentivava que as crianças dissessem o que estavam vendo, incluindo no que emergia as questões pré-formuladas pela equipe de pesquisa.

A avaliação do primeiro encontro levou à inserção de mais uma estratégia para a escuta das crianças: a distribuição de papel e canetas coloridas para que as crianças pudessem expressar pelo desenho o que mais as mobilizou.

Olhar e Escutar

A metodologia criada com base nas ilustrações, na ludicidade e nos desenhos revelou sua poética e potência. A inclusão da escuta dos pequeninos, menores de 4 anos, iluminou comparativamente a escuta dos maiorzinhos. As crianças percorreram os principais temas de interesse do projeto não apenas com palavras, mas com reações expressas em movimentos, risos e desenhos.

As crianças de 6-7 anos se organizaram melhor, entre si, para se fazerem ouvir, levantando as mãos para falar e acatando as orientações dos

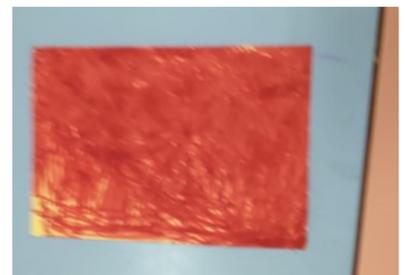
pesquisadores com mais atenção. As menores ficaram mais inquietas, de início, falando ao mesmo tempo, trocando de lugar e se aproximando de Nathercia, para ver as ilustrações bem de perto. Diante dessas reações, o envolvimento com a proposta ficou muito evidente. De modo geral, todas as crianças se transportaram para as cenas apresentadas.



Foto tirada por Sheila de Almeida Bezerra, 30/06/2022.

Pelos desenhos e pelas palavras, alguns medos (inseguranças) se repetiram: barata, rato, chuva e escuro. Outros foram mais raros como: medo de assassino, vulto, “vumito” (vômito) e lobisomem. As crianças maiores disseram que, para enfrentá-los, precisavam chamar alguém mais velho, seja para matar a barata, acender a luz ou deixar a porta aberta. Já as menores, primeiro, se disseram muito corajosas, mas depois citaram os poderes dos super-heróis como formas de enfrentar seus medos.

Não há como dimensionar o quanto as ilustrações, as perguntas e as interações mobilizam as crianças e o desenho se mostrou uma importante forma de expressão. Ao perceber que uma delas cobria o papel de vermelho, Nicolas ficou observando e perguntou o que era. A resposta foi: “o sangue do menino”.



Como diz Madalena Freire (2008, p. 45)⁶: “Ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que ele diz, partindo de suas hipóteses e de seu pensar. Dessa forma busca a sintonia com o ritmo

do outro, do grupo, adequando em harmonia, ao nosso”.

Mas as crianças nem sempre se sentem visíveis e escutadas. Quando perguntadas se suas ideias e sugestões eram ouvidas na escola ou em casa, as crianças de 6-7 anos disseram que levantam a mão, e que se isso não resolve, choram para chamar a atenção. As outras menores disseram que costumam se jogar no chão ou “gritar até explodir”.

Durante as atividades, da forma como foram propostas, as crianças sentiram-se acolhidas para revelar suas inseguranças e desejos. A maioria disse se sentir segura em casa com a família e algumas mencionaram a igreja. As brincadeiras mais citadas foram: correr, pular, pular corda, pique-esconde, jogar bola e dança das cadeiras. E alguns brinquedos, jogos e personagens também apareceram: arma de mentirinha, Lego, Roblox, GTA, AmongUS, Homem Aranha e The Flash. A escola foi considerada lugar de brincar, correr, comer, estudar e fazer contas. Mencionaram que gostam de criar com massinha de modelar e de desenhar. A maioria afirmou que não gosta de ficar sem recreio ou sem comida.

O que as crianças mais gostariam de fazer é brincar na rua, mas os “pais não têm tempo”, “a mãe está com ansiedade” ou “tem bandido” e sozinhas elas não podem ficar. Os amigos são os colegas da escola, os irmãos ou o gato. Lugares que demonstraram conhecer: praia, Jardim Zoológico, parquinho e restaurante.

Não foi fácil pensar sobre a exclusão e raciocinar sobre as outras pessoas. Para elas, quase todas as crianças têm amigos. Elas não se reconhecem como excluídas ou como quem exclui. Para resolver alguns impasses na hora de brincar, sugeriram que fosse escolhida uma brincadeira com regras que contemplassem a todos.

Em reuniões de equipe, situações específicas mencionadas pelas crianças ou reações que ocorreram durante as atividades geraram muitas reflexões, pois evidenciaram sentimentos profundos, que precisavam ser acolhidos e exigiam cuidado e delicadeza. A equipe precisou transmitir confiança para que essas manifestações emergissem. O tempo das interações com os grupos foi curto e o ideal é que as questões levantadas continuassem sendo trabalhadas pedagogicamente pelas instituições, não apenas com as crianças, mas com as educadoras e com as famílias.

Na hora de analisar os achados de pesquisas realizadas em uma grande comunidade como a Rocinha, com diversas complexidades, não ignorar aspectos da realidade cotidiana é muito importante, o que torna necessário conhecimento anterior e/ou a presença de um morador local na equipe.

O “medo de assassino” foi o primeiro “medo verdadeiro” evocado, antes citaram medo de vulto e lobisomem. Até que ponto esse medo tem a ver com a violência urbana que cerca as crianças consultadas?

Chamou especial atenção a evocação do medo de vômito, entre outros como “medo de rato” e “medo de barata”. Sendo essa convivência com ratos e baratas uma realidade cotidiana relacionada à precariedade do saneamento básico da Rocinha, será que isso surgiria em outro contexto?

E o medo de chuva forte? As crianças percebem tudo o que acontece à sua volta. Em determinadas épocas do ano, as chuvas desabrigam os moradores, geram desabamentos e mortes. Dependendo do nível pluviométrico, a prefeitura aciona uma sirene que alerta sobre o perigo e sugere que a população busque alguns pontos indicados. No entanto, os integrantes da equipe do CIESPI/PUC-Rio que moram na Rocinha disseram que essa estratégia é frágil, pois é difícil, senão impossível, chegar aos locais de acolhimento. Não há pessoal suficiente nem recursos para fazer com que a estrutura imaginada funcione. A sirene acaba gerando mais tensão, pois os moradores ficam imaginando o que está acontecendo, sem poder fazer nada: nem para se proteger, nem para ajudar a vizinhança.

A escola como um lugar de comer também chamou a atenção, em um momento em que a insegurança alimentar só faz crescer no Brasil.

E o “sangue do menino” representado no papel? As crianças também estão expostas às violências que ocorrem por vários cantos do Brasil. O que esse menino tão pequeno terá testemunhado que o mobilizou tanto?

Ficou evidente que mesmo as garatujas - rabiscos aleatórios em todas as direções, com diversas formas e sem controle de força - são formas de expressão. O desenho é como se fosse uma escrita. No papel, no chão ou em outros lugares, as crianças registram o que percebem do mundo e das pessoas. O desenho é uma das formas da criança comunicar seus pensamentos e suas

emoções. Com esse recurso adicional, de forma livre, as crianças colocaram no papel seus conhecimentos e seus pensamentos.

Expansões

Para além do objetivo do projeto, que era escutar as crianças sobre determinados temas, com perguntas especialmente criadas para elas, o clima que se instaurou nesses encontros entre crianças, educadores, pesquisadores e leitores permitiu que o olhar de todos os envolvidos se expandisse.

No último dia, no EDI Edir Caseiro Ribeiro, Everaldo notou a curiosidade gerada pelo recurso do celular de tirar foto automaticamente, usando um temporizador que dura alguns segundos para capturar a imagem. As crianças se divertiram, explorando essa possibilidade de se autofotografar, contando até 10.

Posteriormente, quando as imagens foram revistas, uma chamou atenção especial. Nicolas aparece ao fundo, com um sorriso maroto, revelando cumplicidade. Foi assim que a fotografia que vem a seguir transformou-se em mais uma foto-síntese do projeto (outras foram destacadas nas etapas anteriores).



As reflexões sobre os registros escritos, as fotografias e os desenhos permitiram que as experiências fossem lembradas e analisadas. Elas foram transformadas em ato de conhecimento sobre a Primeira Infância e suas formas de expressão e interação, e tornaram visível o que as crianças pensam a respeito das mais variadas questões.



O Gato e o Passarinho

Afinal, como bem disse o poeta brasileiro, Manoel de Barros, a criança consegue escutar a cor dos passarinhos. E nós, adultos, temos que nos reconectar com essa escuta do mundo para sabermos como mostrá-la.

Se você tiver interesse em nos acompanhar nessa caminhada, fazer sugestões e/ou conhecer mais sobre o projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva, entre em contato pelo e-mail: ciespi@ciespi.org.br ou pelo WhatsApp: 21 98266 7045.

¹ O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido. Internacionalmente, coordenado por Kay Tisdall, professora da Moray House School of Education and Sport da Universidade de Edimburgo (Escócia). No Brasil, coordenado por Irene Rizzini, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do CIESPI/PUC-Rio.

² Apenas 3 crianças tinham completado 7 anos recentemente.

³ BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

⁴ CASTRO, Liana. Delicadezas, afetos, infâncias: avós, netos e suas histórias. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Departamento de Educação da PUC-Rio de Janeiro, 2022.

⁵ LOPES, Ana Elisabete; GUSMÃO, Denise S.; PORTO, Cristina L. Correspondências entrelaçadas: percursos de pesquisa com fotografia. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina. (Orgs.) Educação Infantil: formação e responsabilidade. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

⁶ FREIRE, Madalena. Educador educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.